



Mapa social da cidade do Rio de Janeiro

N° 20010801
Agosto - 2001

Pedro Geiger, Luis Roberto Arueira, Adriano Alem - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Urbanismo
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

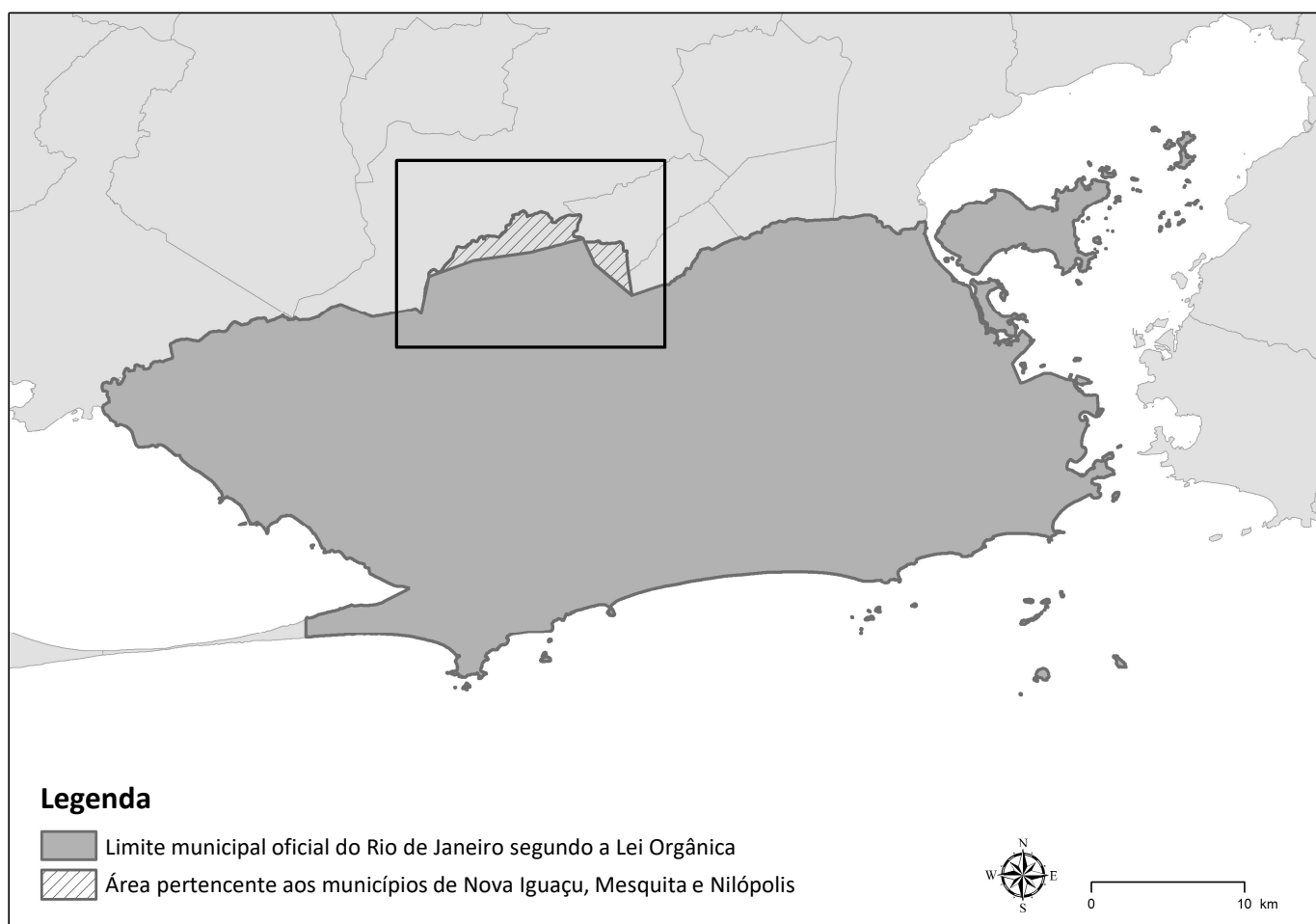
ERRATA

A partir de reuniões técnicas realizadas entre o Instituto Pereira Passos e a Câmara Metropolitana (Governo do Estado do Rio de Janeiro), no âmbito do projeto para a confecção de um Mapa da Região Metropolitana, foi discutida a divergência existente na representação dos limites municipais de Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis.

Tal divergência, localizada na área do maciço do Mendanha, se dava pelo fato do Município do Rio de Janeiro produzir há décadas mapas que possuíam o traçado do limite municipal nesta área seguindo o divisor de águas, pela cumeada dos morros da região, limite este que assim como o restante da fronteira municipal segue acidentes geográficos como rios, canais etc.

Por sua vez, tanto o limite adotado pelo IBGE quanto aquele utilizado pela Fundação CEPERJ (Estado do Rio de Janeiro) seguem por linhas retas a partir dos picos dos morros, não condizendo com o que vinha sendo traçado pelo Município do Rio de Janeiro, porém de acordo com a descrição existente na Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro.

Desta forma, o Instituto Pereira Passos, **seguindo o determinado na Lei Orgânica Municipal**, efetuou a revisão da representação cartográfica da fronteira municipal em questão, adequando-se assim ao já utilizado pelos órgãos federais e estaduais e solucionando quaisquer problemas ou questões advindas desta divergência entre os municípios supracitados.



EXPEDIENTE

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

Periodicidade:

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

Submissão dos artigos:

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

Conselho Editorial:

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

Coordenação Técnica:

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

Apoio:

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

MAPA SOCIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO*

Pedro Geiger, Luis Roberto Arueira, Adriano Alem - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Introdução - De forma resumida e caricata, dir-se-á que a análise fatorial consiste num tratamento analítico aplicado a uma matriz de dados estatísticos, em que as linhas correspondem a unidades de observação, as colunas, a uma série de variáveis, com o propósito de transformá-la em outra matriz, agora formada de fatores, cada um, grupando as variáveis e atribuindo uma correlação destas com o fator. O que reunir maior número de variáveis com alta correlação será o 1º fator, vale dizer, conterá alta percentagem da *variança* contida na matriz original de dados. E, assim, sucessivamente. A vantagem do método é que, considerados os principais fatores, trabalha-se com um número pequeno enquanto que as variáveis originais podem se contar às dezenas.

As unidades de observação que apresentarem alta participação nas variáveis com elevada associação a um dado fator, terão elevada nota naquele fator.

O método da análise fatorial foi empregado para um estudo do mapa social da cidade do Rio de Janeiro. A utilização de dados do Censo de 1991 se justifica porque se supõe que as mudanças estruturais não se tenham alterado, mais profundamente, durante uma única década; porque os resultados servirão à comparação, aplicando-se o método e as mesmas variáveis, com dados do Censo de 2000. As unidades de observação da análise são os setores censitários. Para estes, devido à sua grande quantidade, o programa disponível não comportava uma única análise. Foram realizadas 5 análises, uma para cada AP. Técnicas estatísticas foram aplicadas para tornar comparáveis as categorias referentes a estratos sociais e classificação de setores. As variáveis tratam de rendimentos e níveis de instrução do chefe de família, tamanho e composição da família, moradia em apartamento ou casa, características ambientais do domicílio. No texto completo, disponível na DIG/IPP, encontram-se explicações mais detalhadas a respeito da metodologia.

A estrutura social da população da cidade. Os resultados das 5 análises, aplicadas nas 5 AP's, permitem observar uma estrutura social comum para o conjunto da cidade, expressos pelos fatores 1 e 2, os de maior poder explicativo, por conterem maiores percentagens da *variança* na matriz original de dados. As análises apontam para a presença marcante, em cada AP, de 4 blocos maiores de população.

- Um primeiro, detectado por um dos pólos do 1º fator (os fatores apresentam 2 pólos, expressos por um lado direito e um lado esquerdo de cada gráfico), (Figuras 1,3, 5,7 e 9), é caracterizado por chefes de família que auferem de 5 para mais salários mínimos mensais, e com níveis de instrução, de 2º grau completo a diplomas universitários. À exceção da AP5, a moradia em apartamento aparece associada a esta categoria de população.
- Um segundo, com os chefes recebendo rendimentos ainda mais elevados, de 20 e mais salários, é revelado por um dos pólos do fator 2, salvo na AP5. (Figuras 2,4,6,8 e 10) Contudo, não se apresenta a elevada correlação com altos graus de instrução, do bloco anterior. Além disso, neste há uma tendência para maior

* Colaboração de Fernando Cavallieri e Editoração de Iamar Coutinho.

presença de filhos e maior número de membros na família, em geral. Também não se observa grande associação no fator, quer da variável moradia em apartamento quer em casa, ou seja, esta população, tanto pode ocupar prédios de apartamentos, como mansões. A presença de empregadas domésticas é associada a este grupo populacional, como ao anterior.

- Um terceiro é formado de famílias com chefes com rendimentos de nível intermediário, isto é, de 2 a 5 salários, e sem uma característica definida quanto aos níveis de instrução. Este fato é revelado no outro pólo do fator 2 das análises, que assinala, também, a freqüência de chefe mulher.
- Um último, mostrado pelo fator 1, no seu pólo oposto ao das famílias mais bem remuneradas, se caracteriza por chefes pobres (até 3 salários), com níveis inferiores de escolaridade, famílias mais numerosas, e com muitos filhos. A variável moradia em casas é altamente correlacionada.

Distribuição geográfica e *habitat*. A geometria traçada pela distribuição destes diversos blocos sociais de população, entre as AP's e no interior das mesmas, é construída através das notas que seus setores censitários receberam no fator 1 (Figura 13). Estas notas expressam a presença maior ou menor, no interior desses setores, de populações pertencentes aos diferentes blocos populacionais acima descritos. A distribuição espacial destes setores pelas AP's (Figuras de 14 a 18) irá desenhar as áreas sociais geograficamente diferenciadas na cidade do Rio de Janeiro.

Na verdade, observam-se também algumas diferenças, entre as AP's, quanto à associação de características ambientais correlacionadas aos fatores das análises realizadas e quanto à composição quantitativa das características que definiram esses fatores. Por exemplo: enquanto na AP2 o grupo de chefes de rendimentos intermediários pode alcançar 5 salários, na AP1, não passa de 3. Nas AP1, AP3 e AP5, o grupo de chefes pobres registra rendimentos de até 2 salários; mas na AP2 e AP4, mesmo chefes que ganham de 2 a 3 são classificados como pobres.

As diferenças geográficas também podem ser observadas num mapa construído para a cidade como um todo, e, no qual, cada setor censitário comparece, classificado, segundo categorias estabelecidas a partir da sua composição percentual, em termos de número de chefes de família por faixas de rendimento. (Figura 12). (Na versão completa deste trabalho se caracterizam estas categorias e seus parâmetros)

O exame da distribuição dos grupos populacionais, pelas 5 AP's, Áreas de Planejamento, em que a cidade foi dividida pela administração municipal, é precedido, neste trabalho, por breve descrição do formato espacial da cidade, historicamente desenvolvido, bem como, por um indicação de algumas das contingências geográficas que influíram na configuração tomada pela cidade.

O formato historicamente desenvolvido. Fundada no século 16, à entrada da baía de Guanabara, a cidade foi se expandindo para o interior do território, sobre colinas e planícies cercadas de montanhas, bem como, ao longo das orlas da baía e da costa marítima, estas formadas de praias, restingas e mangues. No processo do crescimento, pequenos morros foram nivelados, e aterros realizados sobre as orlas da baía e do mar, bem como, sobre planícies pantanosas, particularmente, na área do antigo núcleo urbano e suas imediações. São exemplos, a derrubada do morro do Castelo, hoje espaço edificado no Centro, os aterros entre a Saúde e o Caju, onde, no começo do século 20 foi instalado o porto moderno da cidade, ou, os aterros do século 19, nas planícies pantanosas onde se edificou a chamada Cidade Nova.

O relevo influenciou para a forma tentacular tomada pela cidade, associada aos eixos de circulação que se estabeleceram pelas planícies e pelos vales, entre morros e

montanhas. Relevo que conduziu a compartimentação física do espaço urbano, transformada em compartimentação social, através da prática de ocupações seletivas de classe.

Neste processo de crescimento, grande parte da antiga cidade dos meados do século 19 foi se transformando no centro de negócios da cidade, que passou a ser denominado de Centro, ou 'Cidade' (do mesmo modo que 'City', em Londres). No presente, costuma-se, ainda, usar a expressão 'vou à cidade', como referência a uma ida ao Centro, que ocupa, pois, uma posição geográfica excêntrica, no extremo oriental da metrópole e forma com os bairros do seu entorno, a AP1, que corresponde, aproximadamente, à antiga cidade do século 19.

A concentração de atividades 'centrais' foi um dos fatores para que, já desde as primeiras décadas do século 20, o Centro perdesse população residente. No entanto, à saída de populações e à formações de adensamentos em outras partes das cidades, surgiram importantes lugares centrais secundários, fora do Centro. Alguns, como Copacabana, se tornaram mesmo mais importantes em uma série de setores terciários, por exemplo, na função hoteleira, ou de consultórios médicos. Paralelamente, o Centro concentrou, de forma quase exclusiva, certas funções, com a localização da Bolsa, do Fórum, de escritórios de grandes empresas, de atividades de seguros e resseguros, de prédios da administração pública, das três esferas de poder, etc. O processo foi acompanhado por uma renovação constantes do espaço urbano, em termos do traçado das vias e substituição de imóveis antigos por edifícios cada vez mais altos; mas o centro é também depositário de prédios e monumentos de valor histórico, como o Paço Imperial, o chafariz da Praça 15, igrejas da rua 1º de Março, e outros.

Como em toda grande cidade, localidades em torno do Centro, que correspondem à antiga cidade, e cujo imobiliário não foi renovado, também apresentam, quer áreas degradadas que se tornaram residência de população pobre, quer casarões que expressam a estética do passado e edificações históricas. Pequenas indústrias e oficinas se localizam no entorno, assim como as antigas 'portas' da cidade, a zona portuária, os terminais ferroviários. Indústrias maiores se retiraram, mas algumas ainda permanecem, como o Moinho Fluminense. Terminais rodoviários também foram implantados, no Centro, e junto dele.

Ao todo, 66% do solo da AP1 é ocupado para atividades de comércio e serviços, e, mais 7% , por estabelecimentos industriais. A população de 282.000 habitantes, em 1996, é a menor das 5 AP's, inferior, inclusive, ao da AP4 , onde a maior parte do espaço urbanizado é de ocupação mais recente. No entanto, é enorme a população flutuante que, diariamente, pratica seus movimentos pendulares. Compreende-se a dimensão dos problemas de trânsito, quando se recorda a posição excêntrica do Centro, seu formato tentacular da cidade, com relativamente poucas vias de acesso, e, ainda, a sua função de passagem. Com efeito, a serra da Carioca, separando a parte sul da cidade, junto ao mar, da parte norte, obrigava passar pelo Centro, pelo corredor à entrada da baía, a quem quisesse ir de uma para a outra área. O problema vem sendo aliviado pela abertura sucessiva de túneis na serra, mas, por outro lado, cresce a frota automobilística.

Em torno da antiga cidade do século 19, se estendia um espaço peri-urbano, de chácara. sítios, fazendolas, que ia sendo dividido, ou loteado, com a expansão da cidade. Formavam-se, também, núcleos suburbanos em torno de estações ferroviárias das linhas que se instalavam. A área mais contígua à AP1, a AP2, apresenta bairros cujos nomes lembram este passado, como Laranjeiras, Engenho Velho, Engenho Novo. Com a eletricidade e o transporte sobre trilhos, o movimento da urbanização do espaço peri-urbano se acelerou.

A AP2 se compõe de duas partes, uma de cada lado do maciço da Tijuca e da serra da Carioca. A parte sul ocupa a orla da entrada da baía e a costa oceânica. É o Rio de Janeiro das 'praias', do Flamengo, de Botafogo, Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, São Conrado. Compreende também vales entalhados, em Laranjeiras e Cosme Velho, no Humaitá e Jardim Botânico, na Gávea. A ocupação destas partes, que forma a chamada Zona Sul, dependeu da abertura de túneis nos esporões da serra que a separavam do Centro. A outra parte da AP2 corresponde às encostas do lado norte do maciço, como a Tijuca e o Grajaú, e às planícies da bacia do rio Maracanã, que se estendem à sua frente, como Vila Isabel e Maracanã. Este conjunto forma a chamada Zona Norte e sua integração dependeu de obras de drenagem e canalização dos cursos d'água.

Os bairros da AP2 expressaram o fenômeno da modernidade, quanto à separação intencional, por parte da classe média, entre local de trabalho e de residência, montada sobre a introdução de transportes coletivos de maior capacidade e velocidade. O 'bonde', ou 'elétrico', depois o ônibus e o automóvel sustentaram a separação, utilizados nos movimentos pendulares, entre os bairros da AP2 e o Centro na AP1. O crescimento histórico da AP2 pode ser medido através de sua área atual, de 92,0 km², em comparação com os 35,6 da AP1.

À proporção que a cidade crescia, os bairros da AP2 se tornariam valorizados, dadas as suas paisagens residenciais e a proximidade relativa ao Centro. A disputa pela ocupação foi transformando o habitat, com a substituição de casas e mansões por prédios de apartamentos, cada vez mais altos, o que criou exigências de limitação de seus gabaritos, através de posturas municipais. No entanto, o adensamento populacional seria acompanhado por concentrações de atividades econômicas, a ponto de toda a Zona Sul se tornar, como que uma extensão do Centro, particularmente, de Copacabana ao Leblon, com seus restaurantes, estabelecimentos de entretenimento, hotéis etc. Localizam-se, também, na Zona Sul, particularmente em Copacabana, microempresas industriais, quer em setores tradicionais, como a confecção, quer em setores mais sofisticados, como o de materiais médicos, computação, instalados, inclusive, em prédios de apartamentos de residência. Paralelamente, cresceram também as favelas, em altas encostas de morros, mas, apesar disso, toda a AP2 também passou a perder habitantes, nos anos recentes, e um bairro como Copacabana tem apresentado áreas de desvalorização fundiária. A AP2 possuía uma população de 1.004.785 habitantes, em 1996.

Para o norte, noroeste e oeste da chamada Zona Norte, ao longo das vias férreas, a extensão da cidade se dava com a formação de núcleos populacionais em torno das estações e onde prevalecia a população pobre. Como se sabe, a cidade do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, era a sede da capital da República, e o governo se empenhou, desde os anos 40, na eletrificação das ferrovias, então sob sua administração pública, e subsidiou o preço das passagens, incentivando a urbanização. Linhas de bonde também formavam a infra-estrutura de transporte que sustentava o crescimento dos espaços conhecidos como 'subúrbios' do Rio que se qualificavam segundo a linha ferroviária servida, como 'da Central', 'da Leopoldina', da 'Linha Auxiliar', da 'Rio d'Ouro'.

A configuração deste espaço se apresentava, pois, na forma de eixos, ao longo dos quais, e entre os quais, existiam grandes vazios. Ao longo destes eixos se estabeleceram também trechos de atividades industriais, valendo-se de terrenos mais baratos e oferta crescente de mão-de-obra, bem como, de atividades de armazenagem. A indústria de transformação utiliza 9% da área da AP3, e que corresponde a 55% de

todo o espaço industrial da cidade. A existência de vazios conduziu à instalação de favelas sobre áreas planas, morros e colinas.

A partir dos meados do século, com a intensificação da circulação de veículos a motor, iniciou-se uma transformação deste espaço. Particularmente, na área que, atualmente, constitui a AP3, os vazios foram sendo edificados, pavimentação de ruas e implantação de utilidades públicas, como eletricidade e água, foram ampliadas, e alternando-se o conteúdo social, com a entrada de setores de classe média. Com isto, foram também crescendo os equipamentos de comércio e serviços. As mudanças do *habitat* rebateram sobre a nomenclatura urbana e, hoje, Bonsucesso, Penha, Méier, Piedade, Cascadura, e tantos outros, conhecidos como subúrbios, no passado, são considerados bairros da cidade. A AP3 se tornou o espaço mais populoso da cidade, com 2.297.700 habitantes. O caráter mais popular desta AP, quando comparada com a AP2, se expressa no número médio de pessoas por domicílio, 3,36, em comparação com 2,74 na AP2, de que resulta uma densidade relativamente elevada, de 110,6 pessoas por hectare.

Contudo, o fato é que, entre 1991 e 1996, a maioria dos bairros da AP3 também passou a mostrar declínio absoluto da população, assim como a Área, no seu conjunto. Isto, apesar da implantação da linha 2 do metrô, que atravessa a AP3, até a Pavuna. O crescimento vertical também penetrou nesta região, embora sem os gabaritos mais altos da Zona Sul, e deixando ainda amplos trechos de casario baixo.

A metade oeste do município do Rio de Janeiro, constituída pelas AP's 4 e 5, é o espaço que vem apontando para crescimento populacional, nos dias correntes.

A AP4 se estende entre o mar e as encostas dos maciços da Tijuca e da Pedra Branca, que a separam das AP2 e AP3, por uma espécie de grande anfiteatro de planícies, praias e restingas, onde se encontram lagunas, planícies, das quais emergem morros e cordões montanhosos isolados. Há décadas, encontravam-se ainda atividades hortigranjeiras, hoje desaparecidas pelo avanço da urbanização.

Verdadeira 'cidade nova' foi instalada sobre a orla conhecida como Barra da Tijuca. A abertura de túneis nos esporões do relevo que a separa da AP2 e a construção de viadutos, desde a década de 70, deu suporte à especulação imobiliária que conduziu à expansão. Do ponto de vista urbanístico, a Barra se distingue por ter a maior parte do seu espaço ocupado segundo um plano regulador urbano prévio, concebido originariamente por Lúcio Costa, que separa áreas, segundo o uso e segundo formas do habitat residencial, os conjuntos de altas torres residenciais de condomínios formados de mansões. Na área das torres, via de regra, prédios, ou blocos de prédios, não são coalescentes, mas, separados entre si, por áreas verdes. Trata-se de uma área colonizada por setores de classes altas. Os incorporadores se utilizaram do apelo ambientalista para atrair estas populações. Nos 5 anos entre o Censo de 1991 e a Contagem de 1996, a população da AP4 passou de cerca de 526.000 a 576.000, um crescimento próximo a 10%.

Esta parte da cidade é a que melhor expressa a era do automóvel. É através do mesmo que a população local, e grande parte da que afluí de outras áreas, acessa os estabelecimentos que caracterizam a atividade econômica nesta AP. Na Barra se instalou uma quantidade de *shopping centers*, que, além do comércio, oferecem variado entretenimento. Atualmente, é o bairro de maior número de cinemas, sendo que um dos *shopping* oferece 18 salas. O amplo espaço da região levou também à implantação do autódromo, de aeródromo para pequenos aviões, centros de exposições e convenções.

Da AP4, também participa o antigo bairro de Jacarepaguá, situado na passagem entre os maciços da Tijuca e Pedra Branca, próximo à Cascadura, ao qual era ligado,

no passado, por bonde. Nesta área, também em crescimento, as populações, regra geral, possuem rendimentos mais baixos. Tanto na Barra, como em Jacarepaguá, encontram-se moradias, apartamentos ou casas, que servem como 'casas secundárias'. O espaço da AP4, de 303,52 km², ainda apresenta muitos vazios, com densidade de apenas 19 habitantes por hectare. Quanto ao número de pessoas por domicílio, 3,29, o da AP4 é quase igual ao da AP3, uma vez que as famílias de classe alta que nela se instalam, em geral, são de adultos relativamente jovens e com filhos.

Entre o relevo mencionado, e a serra do Mendanha, que faz a fronteira com o estado do Rio de Janeiro, a chamada Zona Oeste corresponde à AP5, que, tal como a anterior, é como se fosse uma 'outra cidade', ou melhor, 'outras cidades', na hinterlândia carioca. Neste amplo espaço de planícies e morros, uma série de núcleos se adensaram em torno de estações ferroviárias, ao longo de um ramal da antiga Central do Brasil, que vai de Deodoro a Mangaratiba. Nesta região de populações mais pobres, onde a urbanização apresenta ainda soluções de continuidade, as atividades de comércio e serviços se encontram mais concentradas nos antigos núcleos suburbanos, separados entre si por extensas periferias de baixos casarios e vazios. Particularmente os mais distantes, como Campo Grande e Santa Cruz, esta já a 70 km do Centro, se apresentam, portanto, como 'cidades' satélites.

No extremo oeste do município, a AP termina pelas praias da baía de Sepetiba e onde se encontram localidades de turismo e pesca, como Guaratiba.

A AP5 é a 2^o mais populosa da cidade, com 1.390.000 habitantes, tendo tido um aumento de cerca de 100.000 pessoas, entre 1991 e 1996. Este crescimento contém um componente ligado à alta natalidade, sendo que o número de pessoas por domicílio, 3,54, é o mais elevado da cidade. Contudo, a densidade é de apenas 22,8 habitantes por hectare, e o espaço residencial ocupa apenas 64% do território, devido a áreas vazias, ou apenas loteadas. Note-se que, nesta parte da cidade, onde há décadas passadas existiam importantes atividades agrícolas, pomares de laranjais, ainda podem ser encontradas as casas com quintais. Sendo a população pobre, a percentagem da área usada por comércio e serviços é a menor das AP's, 13%.

Neste extremo da cidade e no território fluminense vizinho foram instalados alguns importantes estabelecimentos do setor de bens intermediários. Em Santa Cruz, foi instalada importante base aérea, e lá se localizou a área de pouso do Zeppelin. Com a expansão prevista para o porto de Sepetiba, abrem-se novas perspectivas para a AP5.

As contingências geográficas. A geografia da cidade, apontando para uma diversidade social de suas áreas, desenvolveu-se sob o efeito de uma série de contingências geográficas.

Considere-se, primeiro, a questão da centralidade. A concentração de atividades econômicas no Centro tem sido um fator para a diminuição absoluta da população residente, nesta, ao longo de dezenas de décadas. Regra geral, as pessoas preferem ter um acesso fácil aos fornecedores de bens e serviços de utilização mais cotidiana, ou seja, os de baixa hierarquia e alcance. Quando porém se instalam estabelecimentos de alta hierarquia e alcance, atraindo consumidores de outras áreas, mesmo de outras cidades, cria-se o desconforto de aglomerações. Além disso, passa a haver a competição pelo uso do solo, de modo que resulta a transferência de populações, principalmente famílias de indivíduos mais jovens e filhos numerosos, para locais mais distantes. O problema é que os estabelecimentos comerciais seguem a população, procurando principalmente os núcleos mais densos e de maiores rendimentos. Foi assim que Copacabana repetiu o processo do Centro, concentrando crescentemente

atividades de elevada centralidade e perdendo população residente. É assim que se multiplicam as atividades econômicas na Barra da Tijuca.

Uma outra questão se refere ao quadro físico. As populações de rendas mais elevadas procuraram se apropriar dos espaços dotados de maiores amenidades como orlas marinhas, mais bem ventiladas, o usufruto do mar; paisagens, ou encostas de vales e morros, além do devido ao clima mais fresco, à vista, ao sossego, ainda à possibilidade de ocupação de terrenos maiores. Por outro lado, as partes mais altas das encostas passaram também a ser ocupadas pelas populações mais pobres, com a construção de favelas. Desse modo, é comum a paisagem de encostas baixas povoadas de mansões da classe alta, coroadas de favelas, como no Cosme Velho, em Santa Teresa, e na Gávea.

O papel dos eixos de transporte é contraditório. As populações abastadas evitam ficar muito próximas do movimento, do barulho, de outras poluições desses eixos, mas não muito distantes. Nas áreas mais populares, onde a frequência da circulação pública tende a declinar, observam-se áreas em que são as populações mais bem remuneradas as que procuram se localizar junto a esses locais, ou de maior circulação, por exemplo, no Méier, em Madureira, em Campo Grande.

Quanto ao progresso tecnológico, ele permitiu tanto o aumento da ocupação de áreas de povoamento mais antigo, pelo crescimento vertical, como a extensão da área da cidade, esta, seja através da multiplicação do automóvel, seja pelo aumento da capacidade do transporte de massa.

Da combinação de todas estas contingências, resulta um número crescente de bairros perdendo população, em termos absolutos, num movimento do Centro para o norte, oeste e sul, enquanto nas periferias, nestas mesmas direções, surgem adensamentos, novas áreas de povoamento, em movimento de crescimento absoluto de população. Ao longo do tempo, é como se uma vaga de população se movesse, do centro para as periferias, para o que influem, também, não somente os fatores acima descritos, como o crescimento da população da cidade como um todo, e a variação dos preços relativos dos imóveis, esta expulsando populações pobres, de áreas que se valorizam, para a periferia

A seguir, a descrição da distribuição dos grupos populacionais pelas AP's e suas configurações.

- A AP1 (Figura 14) apresenta um padrão clássico de metrópoles de longa história. Contém uma área que corresponde ao Centro, local do antigo núcleo histórico onde prevalece população de rendimentos intermediários, com trechos envolvidos por setores de degradação, habitados por população pobre, na orla portuária, na Cidade Nova. Um anel periférico contém setores censitários de padrões mais elevados, localizados no Rio Comprido e em Santa Teresa.
- Na AP2 (Figura 15), é maior a presença quantitativa de setores com altas notas no fator 1, vale dizer, que ocupam o pólo do fator 1, apontando para o bloco de populações de alta renda. Este aspecto é mais nítido na parte da AP2, que forma a Zona Sul. Como já mencionado, vê-se no fator 2 (Figura 4) que o bloco caracterizado por chefes de rendimentos intermediários atinge a faixa de 3 a 5 salários, quando, nas outras AP's, se restringe à faixa de 2 a 3 salários. Ou seja, na AP2, pessoas com menor instrução têm a oportunidade de ganhar melhor do que em outras regiões.

A morfologia social mostra uma disposição em faixas; na Zona Sul, a orla marinha sendo ocupada por setores censitários de categorias de renda mais elevadas; na Zona Norte, a encosta do maciço da Tijuca. Veja-se, por exemplo, a diferença entre a Praia do Flamengo e o Catete, no Flamengo, na Zona Sul. Ou entre o lado sul da

Conde de Bonfim e a Barão de Mesquita, na Zona Norte. O alto dos morros, em Laranjeiras, Cosme Velho, Botafogo, Tijuca, Andaraí, é coroado de favelas.

- A AP3 se assemelha a um grande caleidoscópio (Figura 16), onde prevalecem os setores censitários caracterizados como ocupados por populações das categorias pobre e popular. Destacam-se, porém, à parte, duas áreas diferenciadas:
 - i Uma corresponde a um arco, entre o Méier e Cachambí, junto à Zona Norte, contendo setores de padrões mais altos, de classe média.
 - ii Outra se refere à parte oriental da ilha de Governador, formada de setores com os mesmos padrões.

Quanto ao restante da AP, a configuração mostra alinhamentos alternados, que correspondem a eixos de transporte. Por exemplo, uma linha de setores mais pobres acompanha a Avenida Brasil, com favelas sobre áreas planas, como a Maré. Segue-se uma linha de setores melhores junto à ferrovia da Leopoldina e à Avenida Suburbana, englobando Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha. Outra, mais pobre, passa por Cavalcanti, Vaz Lobo, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Coelho Neto, à qual se segue linha de população de melhores rendimentos, ao longo da Central, desde o Méier, compreendendo Piedade, Madureira, Marechal Hermes.

Na AP3, no grupo familiar em que os chefes auferem rendimentos mais elevados, as variáveis filhos e cônjuges aparecem bem associadas, sugerindo famílias maiores. Figura também um fator que aponta para famílias chefiadas por mulher, não pequenas, mas, sem cônjuge em que a variável de renda associada é de até 1 salário mínimo.

- Na AP4 (Figura 17), como na AP2, é nítida a disposição em faixas paralelas às praias: populações mais ricas junto ao mar, mais pobres, dele afastadas. Uma grande parte da faixa litorânea teve sua urbanização planejada, caracterizada por setores residenciais diferenciados em áreas de mansões e de torres de apartamentos. A AP4 é uma das duas, da cidade, que crescem em população; a outra é a AP5, mas, o povoamento compreende a transferência, principalmente da AP2, de populações de rendimentos elevados, que passaram a ocupar sua orla marinha. Recentemente, a municipalidade carioca não permitiu a expansão em trechos ocidentais, como em Grumari, visando preservações ecológicas.

A garganta entre os maciços da Tijuca e de Pedra Branca, que liga a Barra a Cascadura, forma o bairro de Jacarepaguá, setor de populações das categorias popular e baixa classe média. Nas encostas do maciço da Tijuca, existem setores censitários de classes médias mais elevadas, mas, para todo o oeste da AP4, prevalecem os populares e pobres. Como já assinalado, a AP4 mostra o grupamento de categoria inferior, revelado pela análise, com chefes que ganham mesmo de 2 a 3 salários, e que a faixa intermediária com os rendimentos de 3 a 5. Além disso, nesta AP, o 1º grupamento populacional compreende famílias maiores que nas outras AP's. Aliás, a análise da AP4 inclui um fator que trata exclusivamente de tamanho de família, isto é, nesta região, independente de outras características, registra-se a divisão da sociedade em famílias grandes e pequenas.

- Na AP5, a outra área da cidade de crescimento de população, a maioria dos estratos censitários é composta de populações pobres ou da categoria popular (Figura 18). Aqui, destaca-se uma via, a linha da Central, ao longo da qual se destacam, nitidamente, núcleos com setores de classe média e que se concentram nos centros de Padre Miguel, Campo Grande e Santa Cruz. Também figuram setores de rendimentos mais elevados e que correspondem a áreas de residência militar, em Deodoro e junto à base aérea de Santa Cruz.

Ao contrário das outras AP's, nas quais, as populações do 1º bloco (elevada instrução e bons rendimentos) aparecem associadas à moradia em apartamento, na AP5, esta correlação não é alta, ou seja, tanto habitam em apartamentos como em casas. Por outro lado, também, não se observa a presença independente do 2º bloco, o de população muito rica, de mais de 20 salários, que se integra com os que ganham mais de 10 salários. Quanto ao grupo de rendimentos intermediários, nota-se sua associação com acesso à água encanada. E, chefe mulher não é variável importante para este grupo populacional de renda, mas a mulher se encontra presente nas famílias. Nota-se ainda o fator 3, (Figura 11), em que a divisão da população em famílias grandes, habitando casas, constituídas por cônjuges e filhos, e famílias morando em apartamentos, diversas delas com chefes mulher.

Nota. Categorias de setores segundo os rendimentos dos chefes de família :

- ✓ *pobres*, 53% até 2 salários, 32% entre 2 e 5, renda média de 2,3 salários mínimos;
- ✓ *popular*, 40% até 2 salários, 51% de 2 a 10, renda média de 3,3;
- ✓ *baixa classe média*, 28%, até 2 salários, 58% de 2 a 10, renda média de 4,6;
- ✓ *pequena classe média*, 18% até 2 salários, 70% entre 2 e 15, renda média de 6,4;
- ✓ *média classe média*, 45%, com 3 a 15 salários, renda média de 9,0;
- ✓ *classe média*, 55% com 3 a 15 salários, 25% acima de 15, renda média de 11,8;
- ✓ *alta classe média*, 20% acima de 20 salários, 50% entre 5 e 20, renda média de 16 ;
- ✓ *classe alta*, 47% acima de 15 salários, 38% entre 5 e 20 e renda média de 26,0.

AP 1 - Peso das variáveis no Fator 1

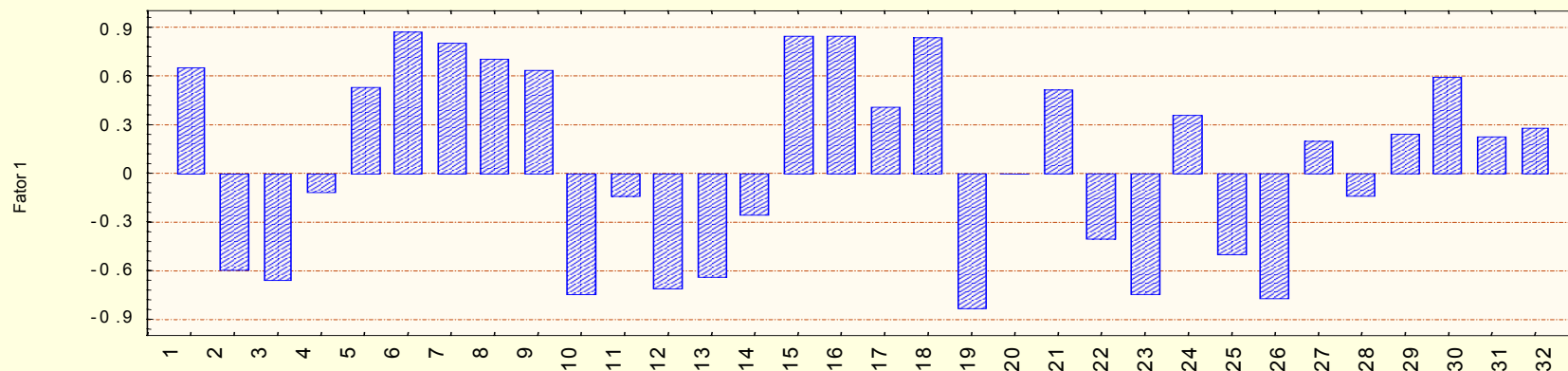


Figura 1

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP1 - Peso das variáveis no Fator 2

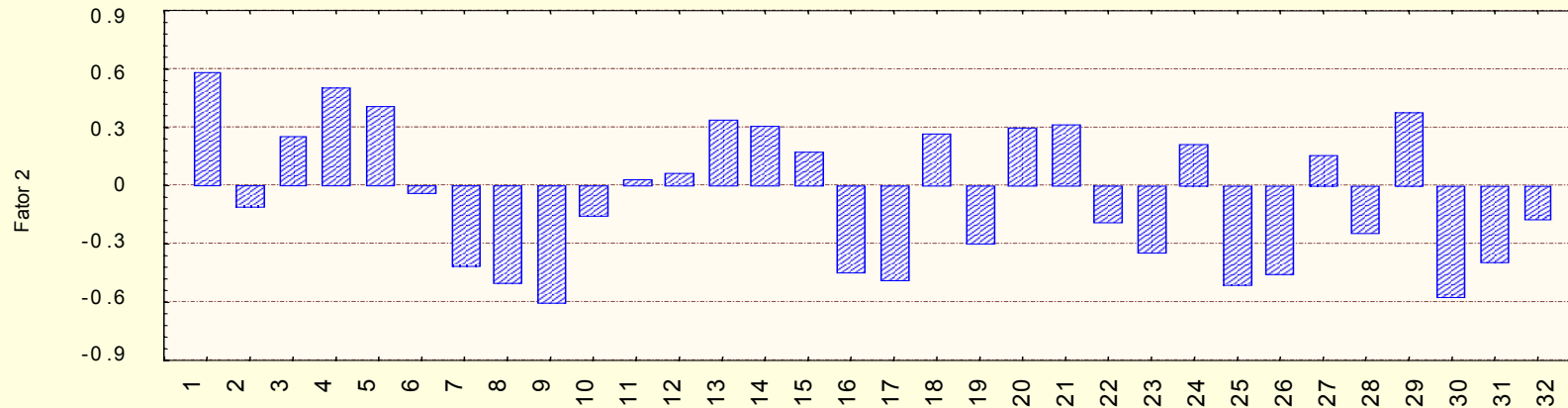


Figura 2

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 2 - Peso das variáveis no Fator 1

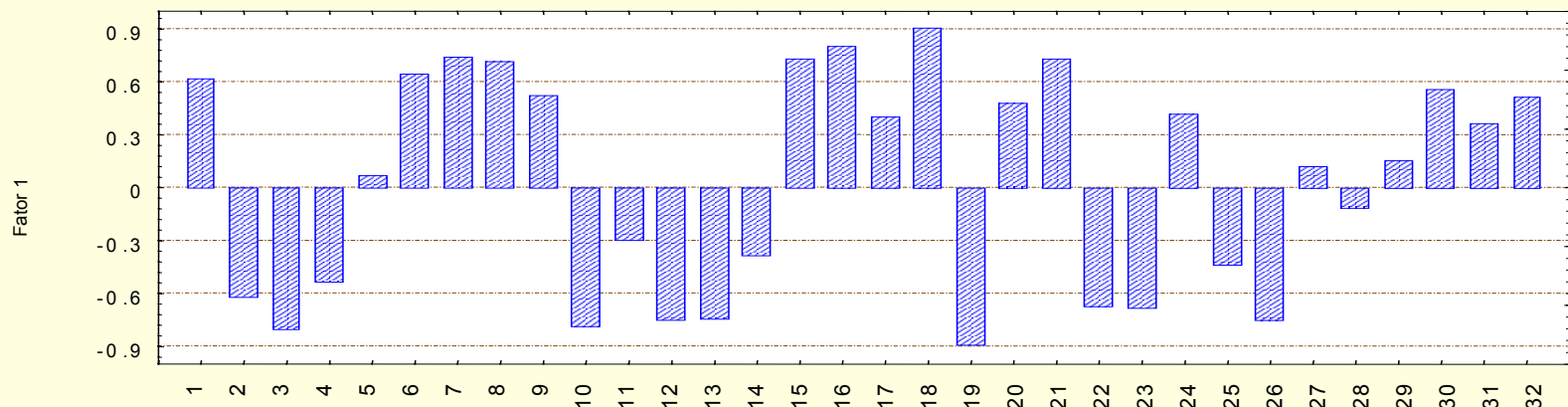


Figura 3

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 2 - Peso das variáveis no Fator 2

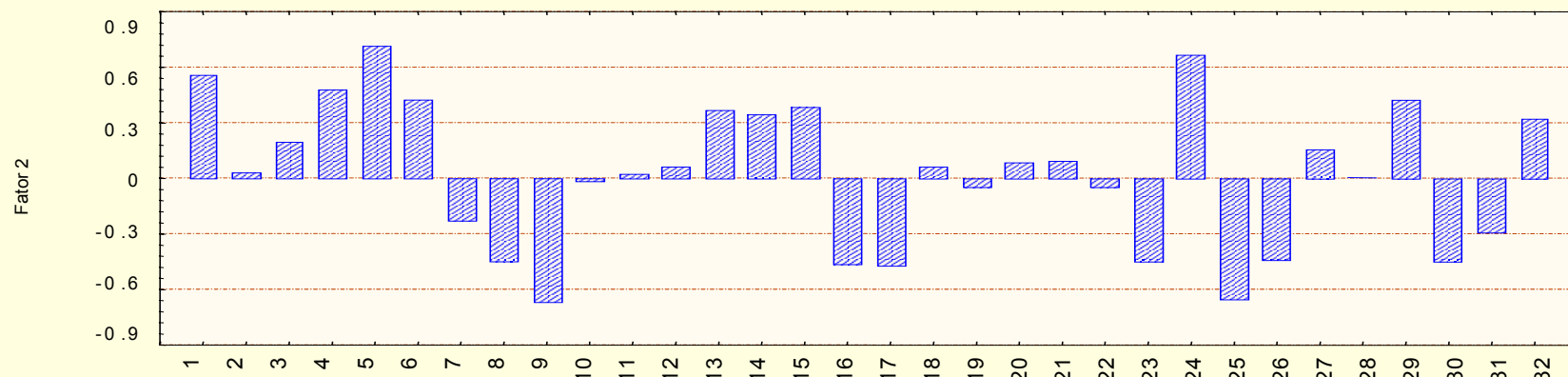


Figura 4

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP3 - Peso das variáveis no Fator 1

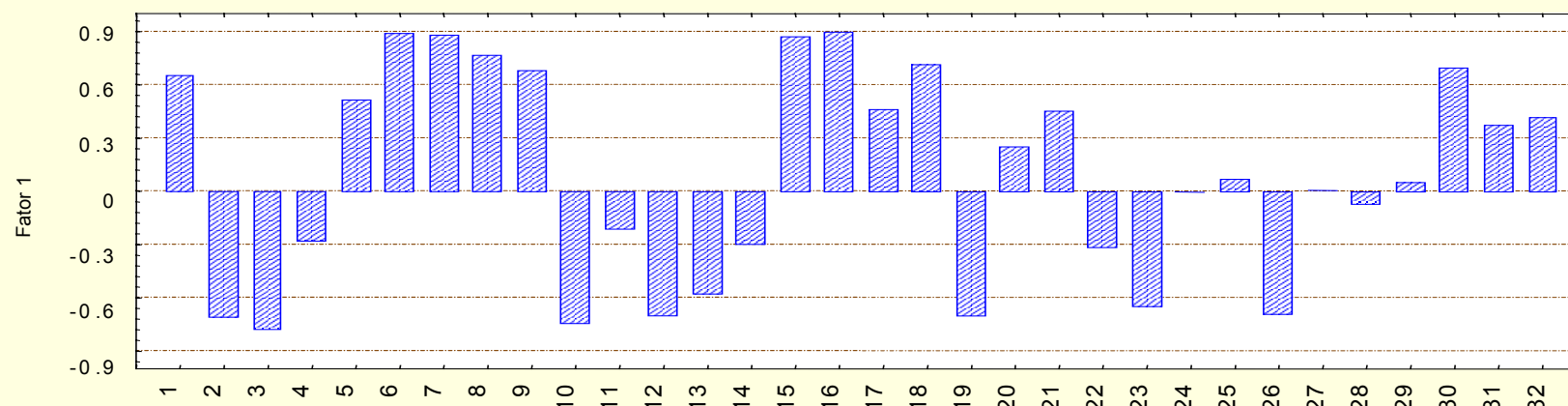


Figura 5

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais

Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 3 - Peso das variáveis no Fator 2

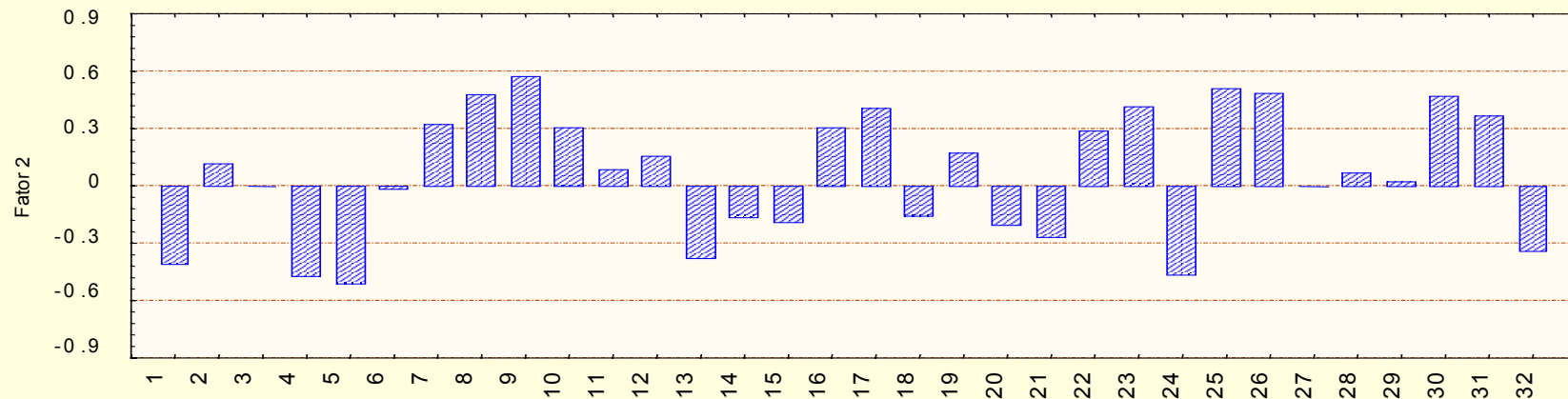


Figura 6

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais

Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP4 - Peso das variáveis no Fator 1

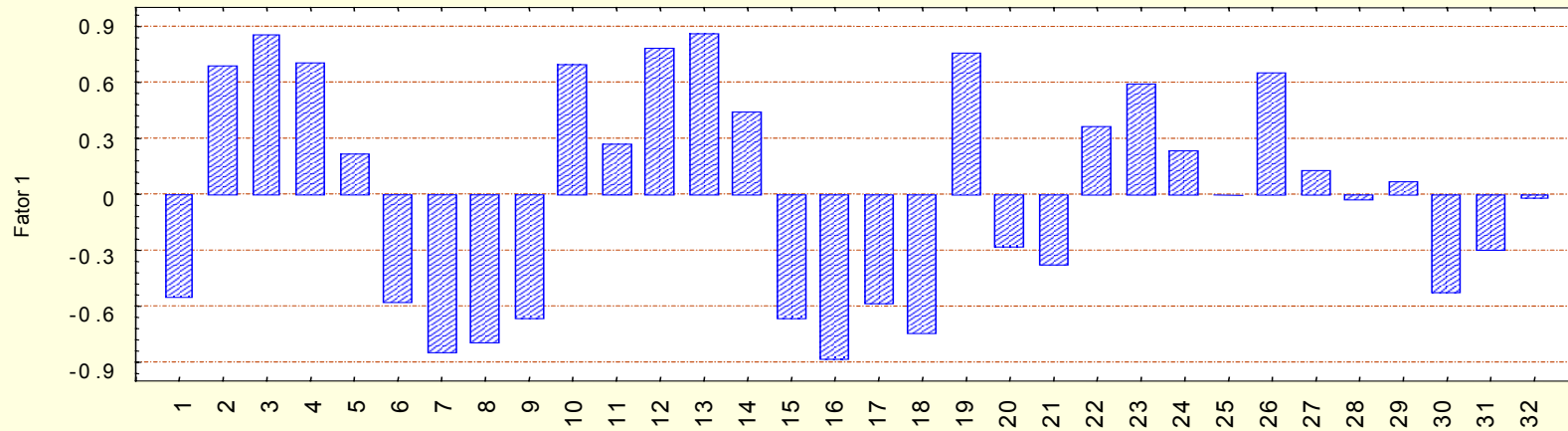


Figura 7

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

A P 4 - Peso das variáveis no Fator 2

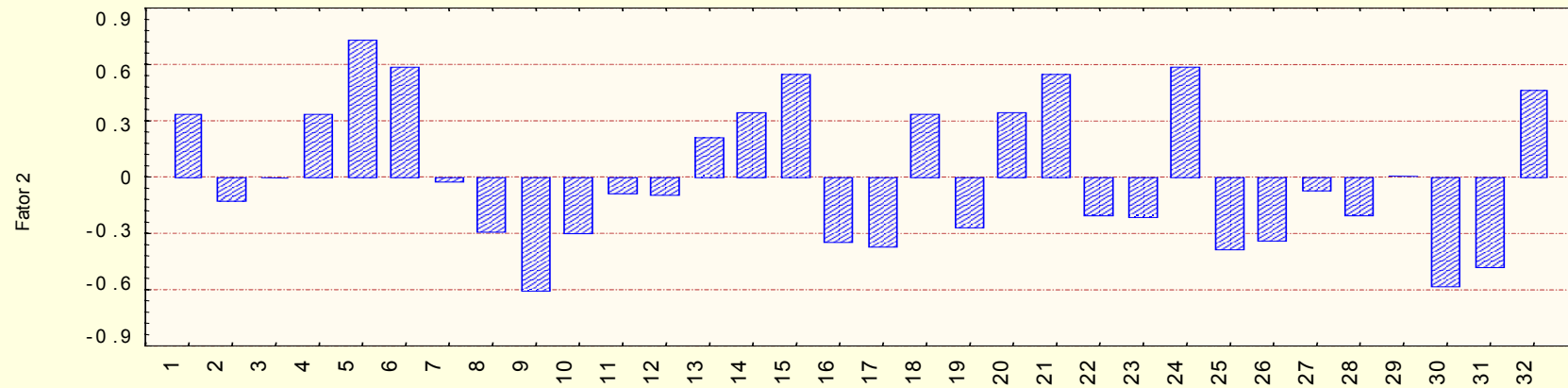


Figura 8

- | | |
|--|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 5- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 6- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 7- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 8- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 9- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 10- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais

Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 5 - Peso das variáveis no Fator 1

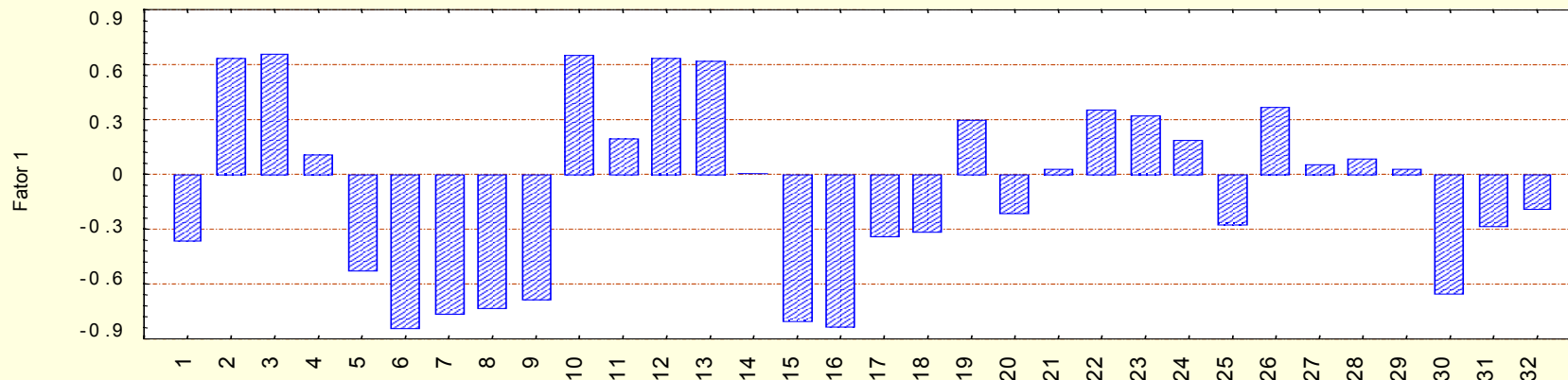


Figura 9

- | | |
|---|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 11- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 12- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 13- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 14- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 15- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 5 - Peso das variáveis no Fator 2

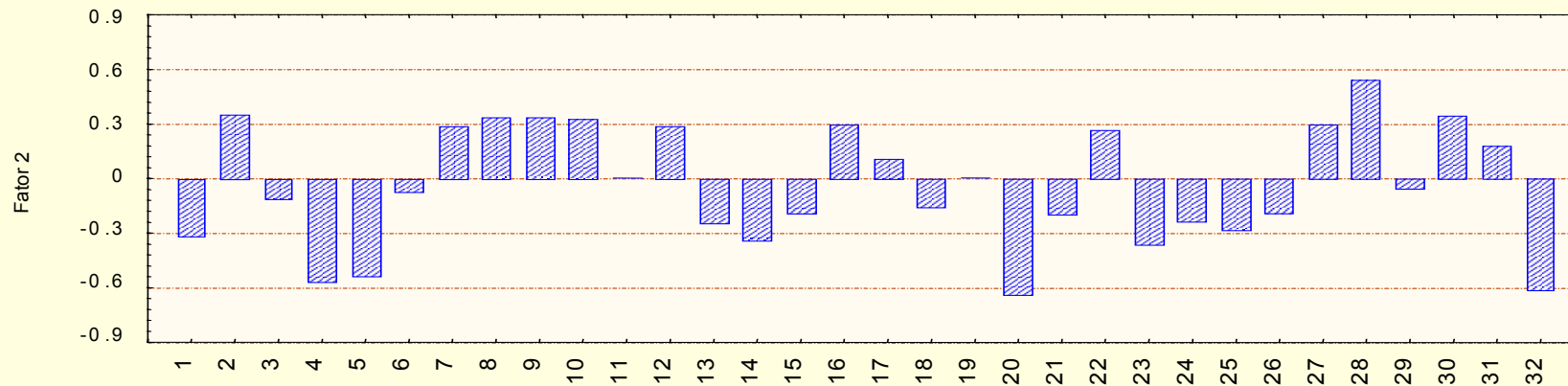


Figura 10

- | | |
|---|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 17- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 18- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 19- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 20- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 21- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 22- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

AP 5 - Peso das variáveis no Fator 3

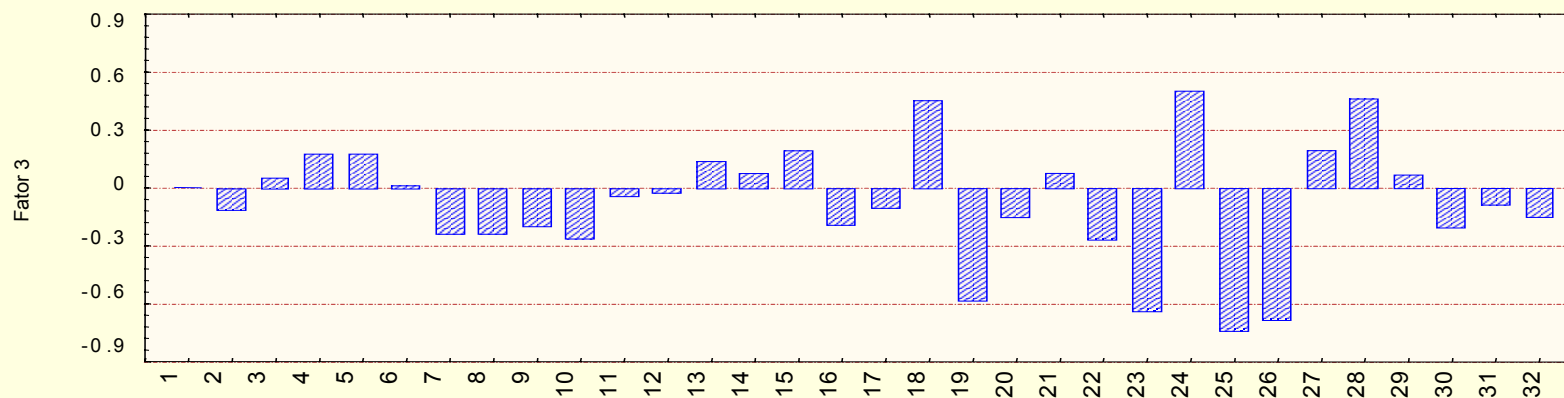


Figura 11

- | | |
|---|---|
| 1- % de chefes de domicílios/total de residentes | 17- % de chefes de domicílios com mestrado |
| 2- % de chefes de domicílios com renda até 1 sm | 18- % da população em apartamento |
| 3- % de chefes de domicílios com renda de 1 a 2 sm | 19- % da população em casa |
| 4- % de chefes de domicílios com renda de 2 a 3 sm | 20- % de domicílios ligados à rede de água |
| 23- % de chefes de domicílios com renda de 3 a 5 sm | 21- % de domicílios ligados à rede de esgoto sanitário |
| 24- % de chefes de domicílios com renda de 5 a 10 sm | 22- % de domicílios ligados a vala negra |
| 25- % de chefes de domicílios com renda de 10 a 15 sm | 23- média de pessoas por domicílio |
| 26- % de chefes de domicílios com renda de 15 a 20 sm | 24- % chefes de domicílios mulheres |
| 27- % de chefes de domicílios com renda maior que 20 sm | 25- % de cônjuges (em relação ao chefe de domicílio) |
| 28- % de chefes de domicílios sem instrução | 26- % de filhos (em relação ao chefe de domicílio) |
| 11- % de chefes de domicílios apenas alfabetizados | 27- % de agregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 12- % de chefes de domicílios com primário incompleto | 28- % de "outros" (em relação ao chefe de domicílio) |
| 13- % de chefes de domicílios com primário completo | 29- % de pensionistas (em relação ao chefe de domicílio) |
| 14- % de chefes de domicílios com ginásio completo | 30- % de empregados (em relação ao chefe de domicílio) |
| 15- % de chefes de domicílios com 2º grau completo | 31- % de outros parentes (em relação ao chefe de domicílio) |
| 16- % de chefes de domicílios com nível superior | 32- % de mulheres/total de residentes |

Obs: os pesos são significativos quando maiores que ± 0.7 . Método de extração: componentes principais
 Dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991

Figura 12

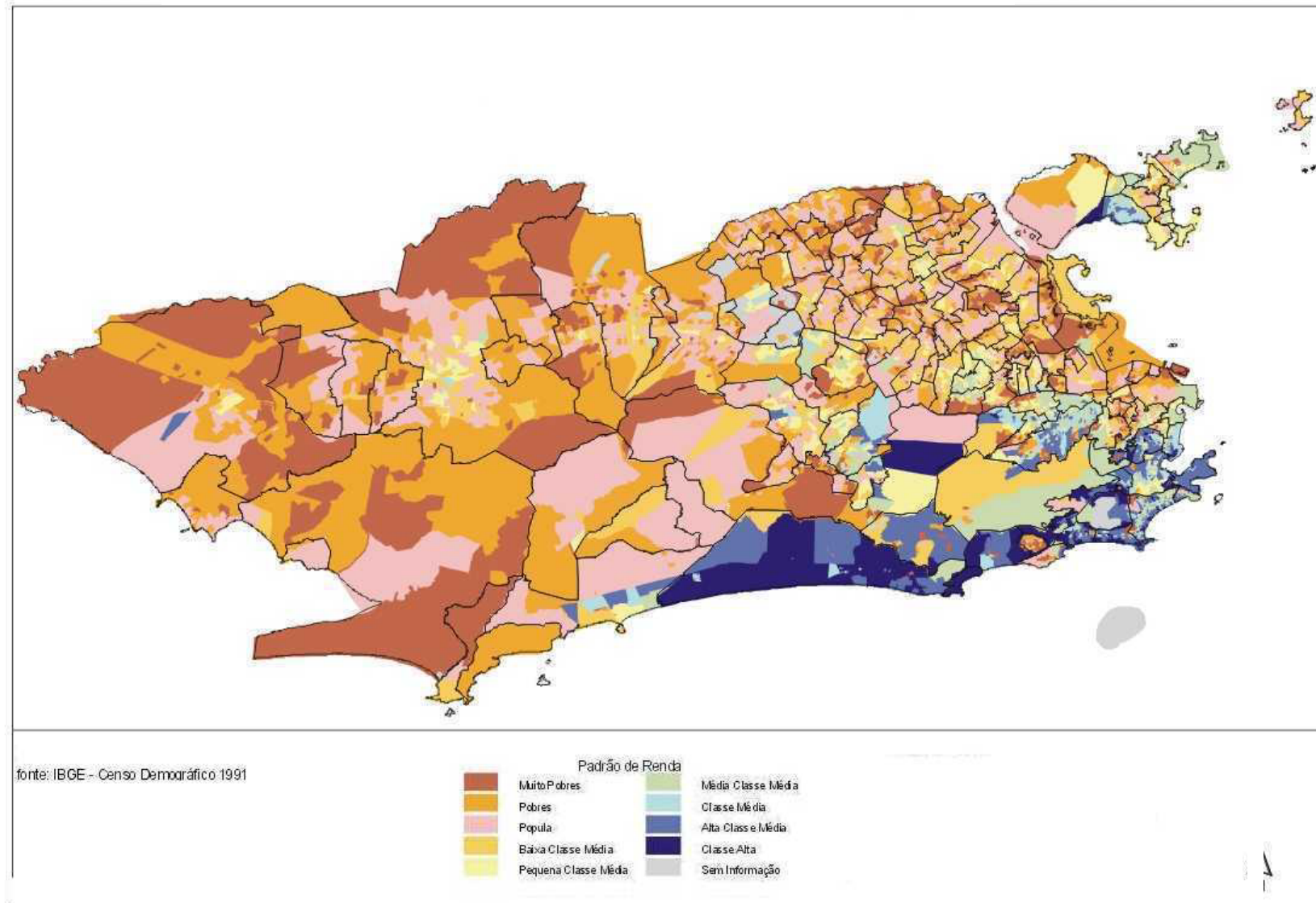


Figura 13

Classificação dos Setores Censitários pelo Fator 1

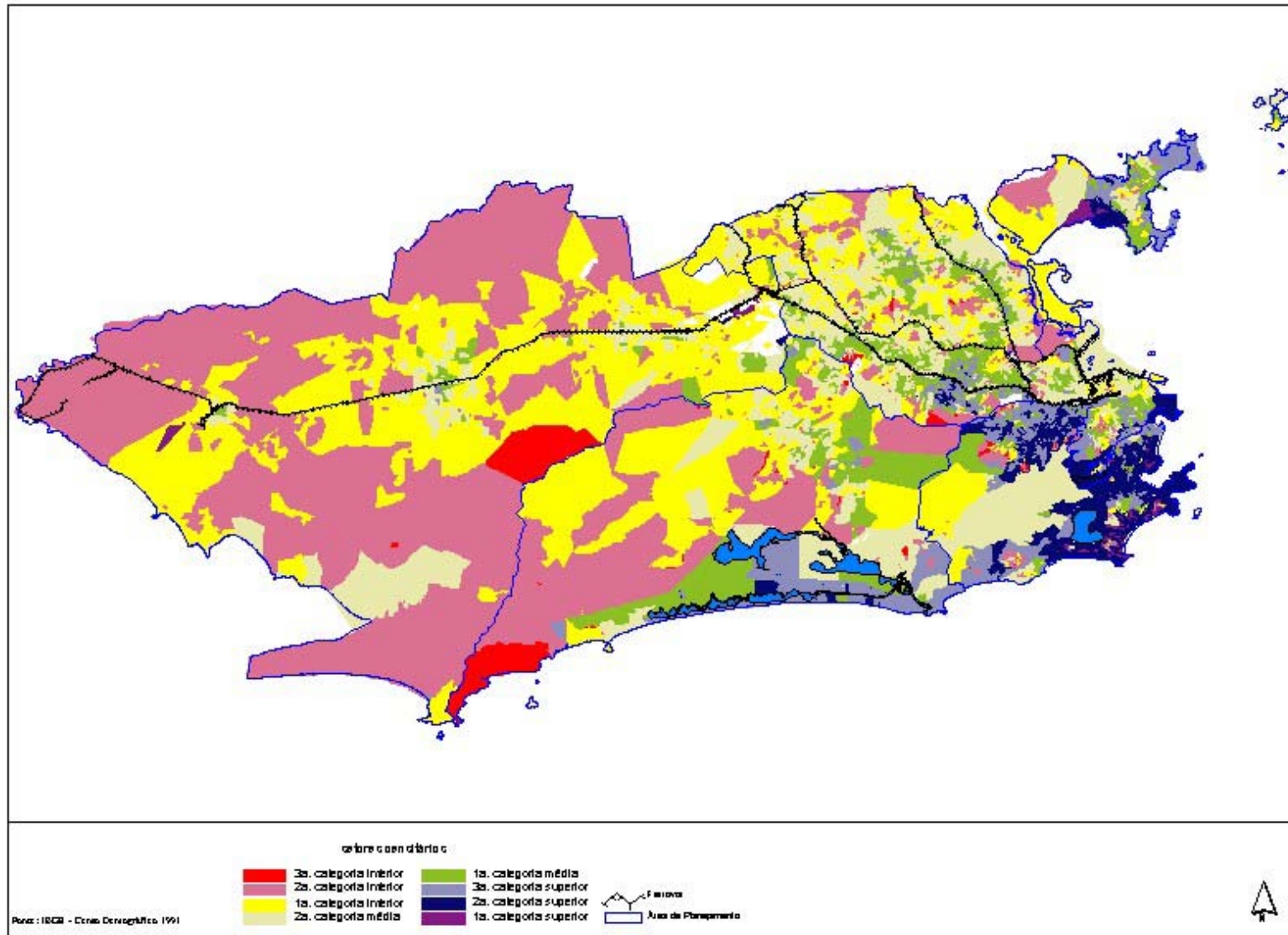


Figura 14

AP1 - Classificação dos setores censitários pelo fator 1

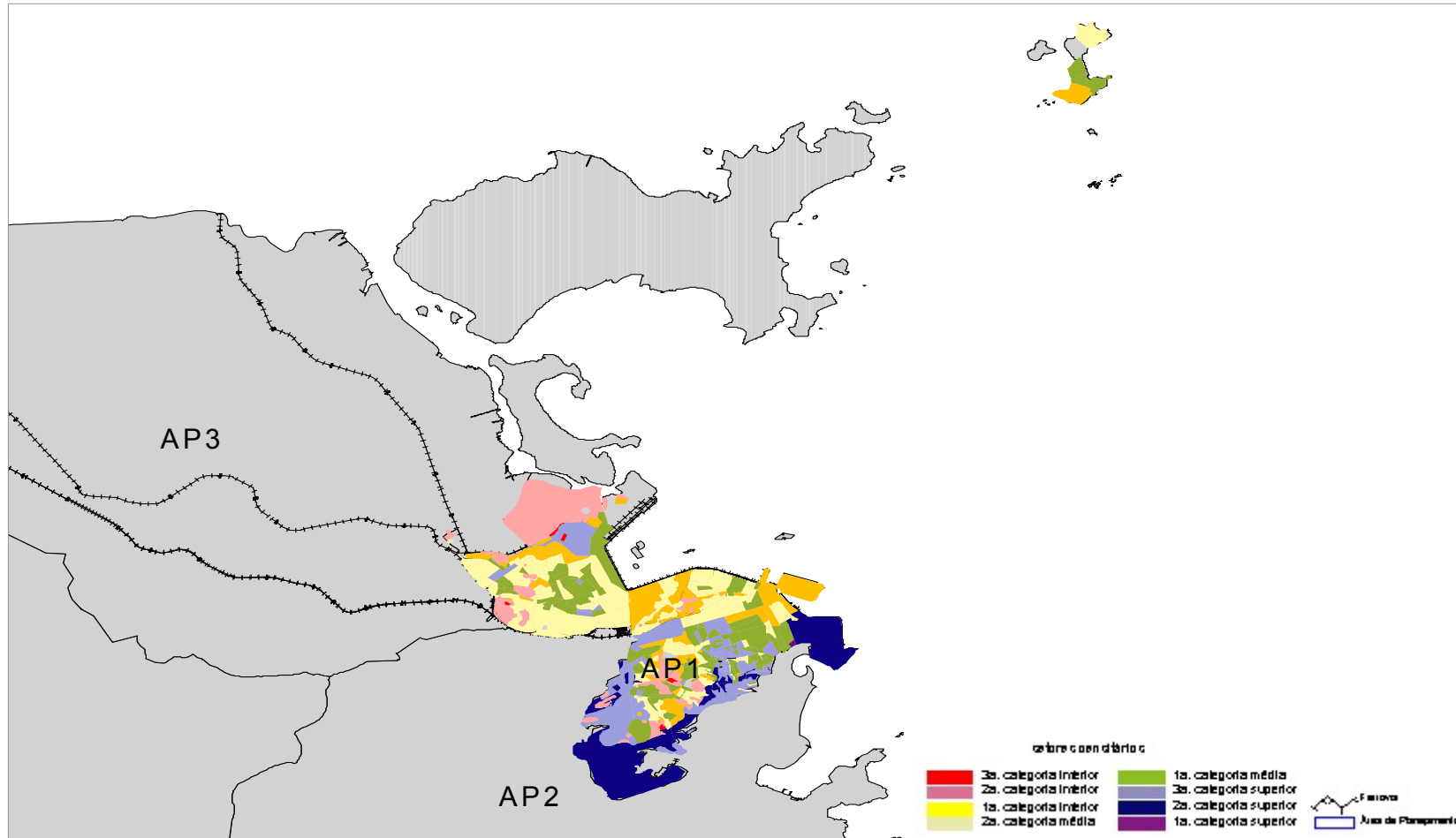


Figura 15

AP2 - Classificação dos setores censitários pelo fator 1

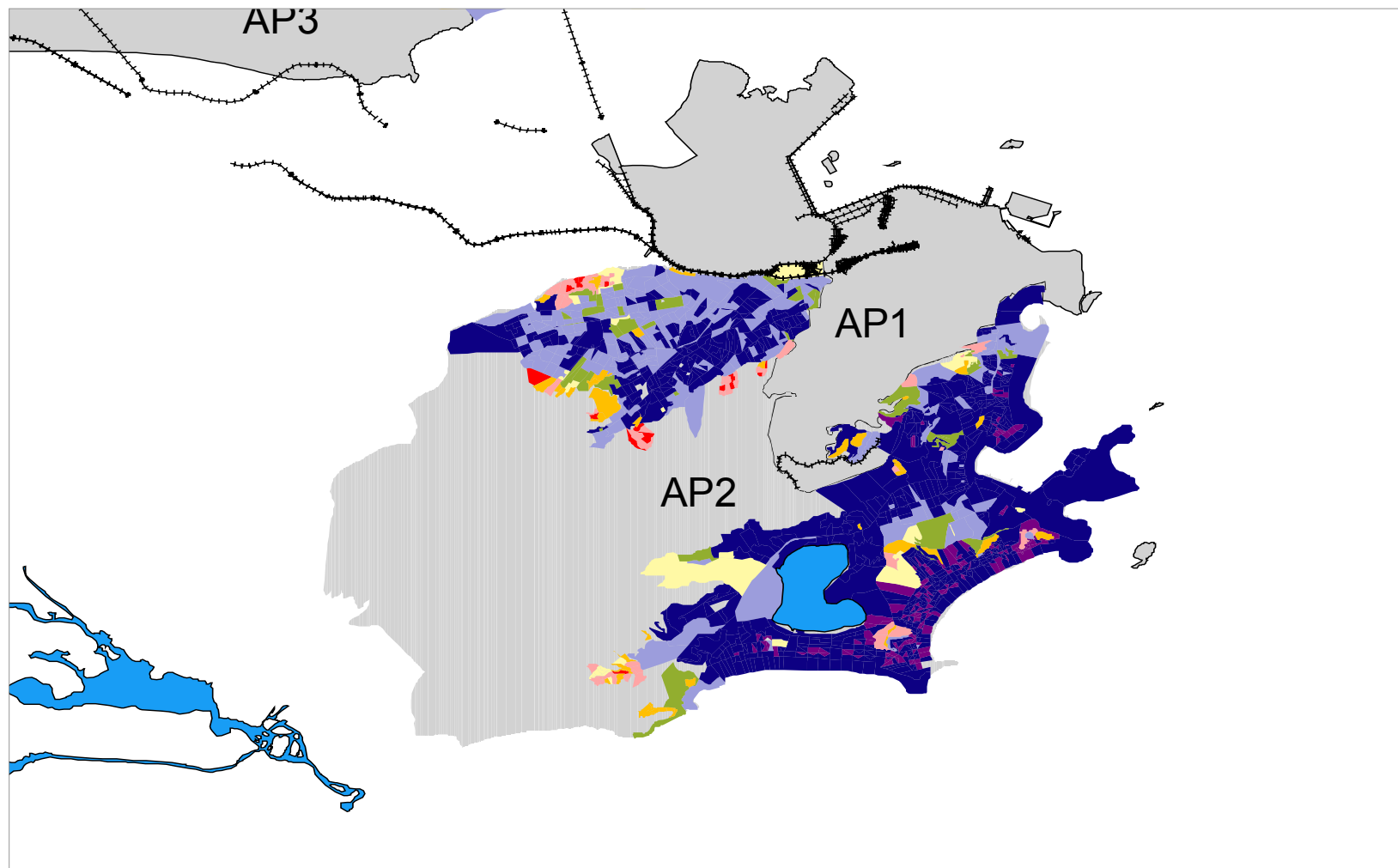


Figura 17

AP4 - Classificação dos setores censitários pelo fator 1

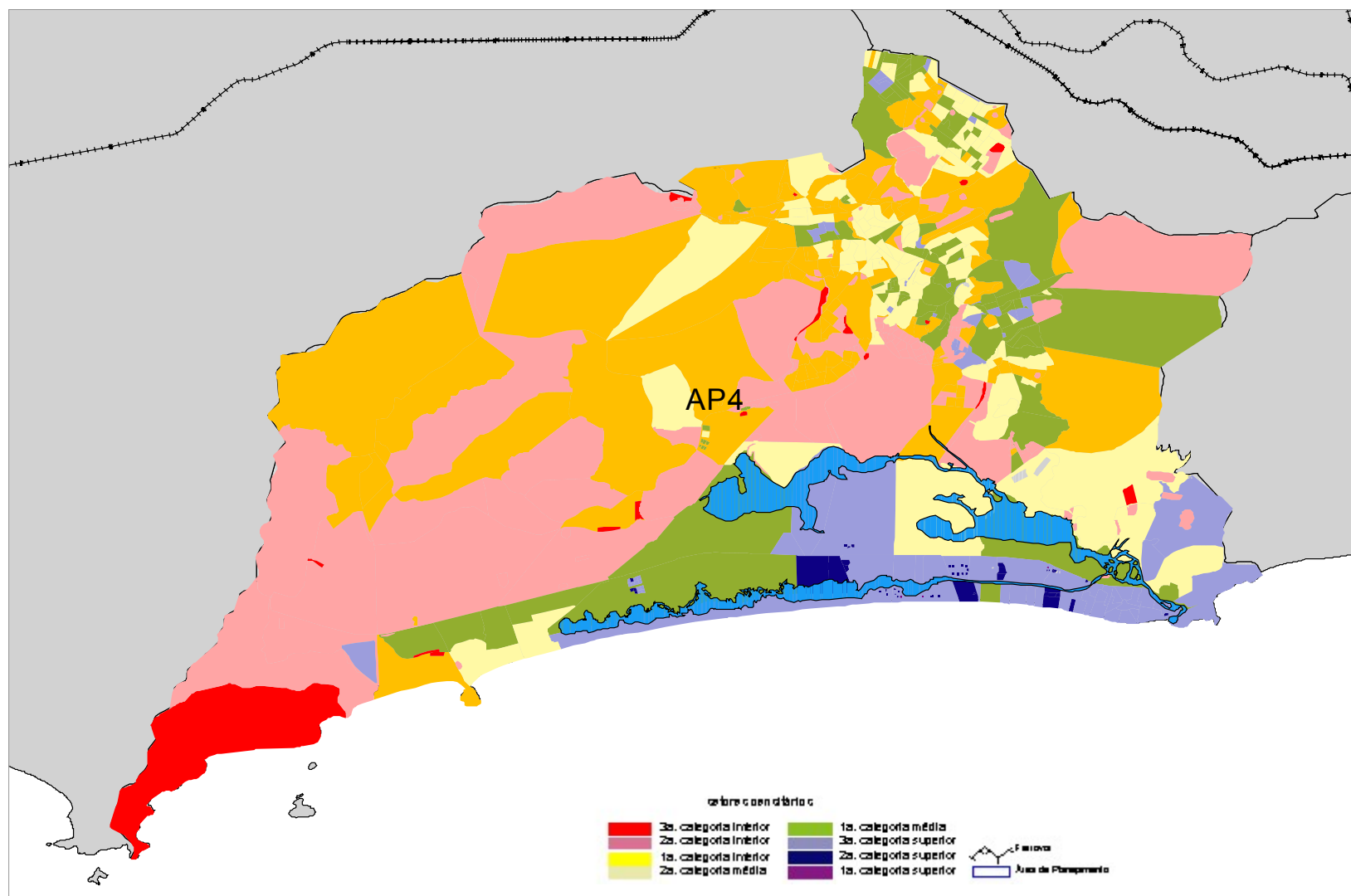


Figura 16

AP3 - Classificação dos setores censitários pelo fator 1

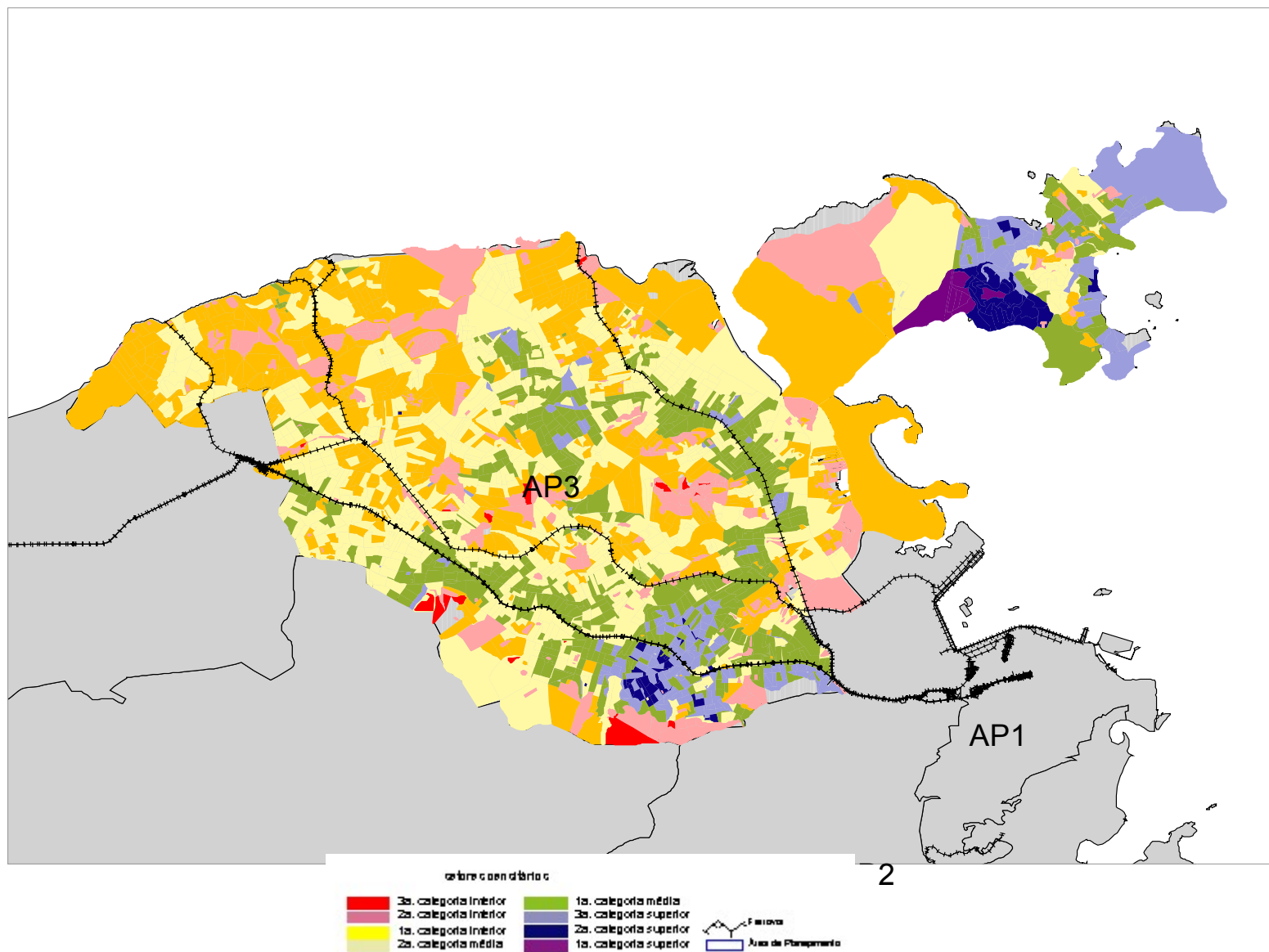


Figura 18

AP5 - Classificação dos setores censitários pelo fator 1

